

Para Cássias

For Cássias

Eliza Araújo

Doutora em Letras pela UFPB. Professora da UFF

Resumo: O ano de dois mil e vinte e dois foi passando e eis que no meu mês favorito de dezembro, especificamente no dia 10, era-seria o aniversário de sessenta anos de Cássia Eller. Millennial que sou, queria poder dar pra ela qualquer presente de fã, como aquelas cartas quilométricas que se enrolavam num rolo. Se pudesse dar palavras para Cássia, elas seriam poemas. Aqui, na possibilidade do hoje e na urgência do agora, registro palavras para Cássias, porque acredito que toda gente tem um pouco de cássia em si. Na pequena timidez enrubescente, na voracidade e vontade de liberdade, no rouco da voz que nem sempre se mostra a qualquer pessoa, no desejo de viver cada gota da vida sem a culpa, o jugo ou a dúvida. Amando a arte sem medo. Sendo intérprete do próprio amor e delírio. Cantando.

Palavras-chave: Poemas-presente. Poesia brasileira. Poesia contemporânea. Tributo a Cássia Eller.

Resumo: In these sketches, this thin mini-book, this collection of poems sewn by hand, I designed a gift. The year of 2022 passed and so it happens that in my favorite month of December, on the 10th specifically, was-would be Cássia Eller's 60th birthday. Being a millennial, some part of me wishes they could give her any fan-inspired gift, one such as those kilometer-long letters we would wrap up around a roll. If I could gift Cássia some words, they would come in the form of poems. Here, in the possibility and urgency of a now-time, I write these words down because I believe every person has a bit of cássia in them. In the slight shyness that flushes one's face, in the unapologetic will and desire for freedom, in the raspy voice one does not allow any person to hear, in the lust for every drop of life without traces of guilt, domination or doubt. Loving art with no fear. Offering a rendition of one's own love and delusion. Singing.

Palavras-chave: Brazilian poetry. Contemporary poetry. In honor of Cássia Eller. Poems as gifts.



texto *

é teu sorriso pra mim
os dias sendo ondas
vibram onde
teu texto se organiza
te são fortes os dentes e densa a luz do rosto

cássia canta que a pedra brota da força lunar
entendo isso de coisas brotarem da lua
imagino frutas virem de lá pois maturam encantam somem
sei coisas que não são de serventia pro mundo
sonho profundo para esse tempo

não me interessam as farsas da língua
— das línguas
não me compensam o sono as farpas dos ódios

às vezes o que faz sentido é
despalavrado texto
sem pontos
sinais ou
margens
tua foto

penso escamas *

penso escamas e são esverdeadas
verdemolhadas como a trilha entre as árvores
águas nascem de cima do céu
dormem debaixo do chão
dentro delas se pode respirar por guelras
densas elas penteiam a derme vertebrada

cada pequena lâmina-espelho
meu mosaico para imaginar o que não vi na mente
cada pequeno brilhoso presente me lembra:
na voz às vezes
moram saudades que não se tangem
nem se entendem

e é na entrega ao mistério
que se pode abandonar sobre as águas
seu corpo sábio

capaz

boiar

de

não tema as águas *

quando encontrei Dandalunda na gruta
só havia seu cheiro e eco
era fundo o escuro e espesso o ar
no meio do mar meus medos eram cinza voltando à areia
em que me amiguei da lua
me lembrei da mãe
não tema as águas me disse

hoje me lembra que elas
se revoltam porque
voltam sempre pra onde primeiro
fizeram nascer

comigo ninguém

eu vi num vídeo:

as plantas gostam de pó de café passado e cascas de batatas
nessas coisas tem coisas que entram no sol

o

as plantas gostam de ser replantadas

transplantadas de vaso e canto

transportadas de cômodo e superfície

transmutadas para novo adubo

gostam que se afofe a terra para ver se querem água

querem ar que corra e atravesse a casa

sol que não queime a borda das folhas

querem aquelas conversas que você pensa não dar a pessoas

escutam choros chamadas gemidos

são seres, embora não falem

estão em silêncio por razão de raiz

sabem quando estou

sabem se sou feliz

estou aprendendo a amar as minhas coxas
minhas coxas por si só já se amam

já tive nelas cansaço
já tive pelos, *jeans*, meias fio oitenta
óleo de amêndoas para amaciar o atrito
shorts biker escondidos no vestido
alguns amores breves
lençóis leves
paixões em viagem ao sul
meu próprio coração partido

mas nunca lá muito amor
nunca, meu amor
a m o r às minhas coxas

elas me lembram que não sou pequena
não caibo no que o mundo me dita
no que o mundo medita
elas me lembram que sou uma mulher grande
às vezes acho que uma grande mulher
mas certeza, se é que existe*
só vou ter quando conseguir isso
esta coisa de amor,
de a
mar
entre outras coisas as
minhas coxas

na tua voz meu nome

mas há um calor nas conversas que
atravessa o outono e fura
a opacidade do tempo seco e cura
o frio vento da noite que não se avisa

touros lunares;
animais no limite redondo e curativo do astro
me libertam e lembram alegria
nas ondas que risos quebram
por dentro de fios
que rasgam linhas no mapa

peço licença:
sem velas ou portais
entro na tua voz antes do sono e
é na minha terra o caminho da tua viagem
minha pele tua via de possível paragem
até que seja novo dia;
te mandar sempre nessa ordem

a verdade
e os acidentes

espada de são jorge *

senti tua dor
brotou em mim uma lágrima de olhos fechados antes do sono
,
lágrimas brotam de qualquer maneira
.em horas impróprias rompendo palavras ao telefone
.de baixo d'água misturando-se à espuma
.mesmo quando tu sai do oceano envolta em sal

o que faço com tua dor é saudade
é ela uma coisa que fabrico sem paciência
enquanto me corta aquele aviso do tempo:
de que as coisas jamais se acabarão
se
viajaremos pelas areias de
matéria em matéria
se já
viajamos pelas horas de
memória em memória

o que faço com tua dor é te abraço
por dentro dos teus poros também sou pele
em cima de suas sandálias penso em montanhas e beiras
criações divinas que podemos olhar para lembrar que não somos
sós

tem você escamas de
forte e viçosa carpa

nada

te prometo uma redoma de amor
e tantas palavras boas quanto custe a sua saúde
te envolvo com louros como na carta do mundo
e é tu que dança no meio deles debaixo do sol

vi vindo dias mais serenos
estarei neles como folha
fagulha
ou pequena lembrança te causando risadas ou soluços
algun som assim que te lembre:
mas há o ar e
te amo como quem guarda teu lado

sol em luedji, ascendente em luna

às vezes só sobra uma palavra - coisa -
para dar nome ao que não se pode antever
ou pegar enquanto viaja pelo corpo
sonho e senha coisa
pelos pelos dese
jo

já
há pontos de luz e vértices
fios que esticam e puxam a espinha
às vezes curvadas ondas desses dorsos
desfeita espuma entre suores e lençóis

deito pistilo em seu eixo
forma de flor em sua dúvida
tantas vezes me refaço que
os sangues me coram as faces
e estou nua de outras formas

sua
 porque sus
pensa:
entre pólen carpelo & pétala
e é tão breve quanto belo o suspiro
e é tão sonho quanto coisa o desejo

grito no sonho onde o som não sai *
uma mulher me atravessa o peito com agulhas
os fios de sua história cosem as
linhas do meu rosto

soltar

o verbo
o delírio
o grito
custa um olho e
retalhos de lua pinçados por setas de bússola
minha cabeça descansa num triângulo
explode diante da serpente
nem um palmo além se pode ver
com seu
meu
um olho insone

é como vulva e fruta
a pupila que dilata e encolhe
nervos formam ondas que conversam
e avermelham a carne muco-molhada
não é hora de pensar e girar a engrenagem
se
só a boca sabe o que quer ~
mordida lambida grito:
n o s onho
ondeosom
n ã o s a i

carne moída

mói-se a carne
todo santo dia se
mói a carne de que cantava elza
o sangue se espreme se explode se lava
em frente à loja de cosméticos
na calçada espirrado nas bicicletas
ao lado da placa que diz DEUS É AMOR
que paradoxo traumático
deus e sangue
amor e sangue
ser e já não estar
:
na cena furos
muros cravejados lembram mãos de cristo
cartuchos no chão como lixo de festa
ecos em choros gravados em becos
coberta de cama de criança
mancha
trem desgovernado país
país desgovernado trem
em tudo um turvo vermelho rastro
da carne que se mói
que não se aguenta
m
ais.

Sobre a autora

Eliza Araújo  

Graduada em Inglês e mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde é docente de Língua Inglesa no Instituto de Letras (GLE), é uma das coordenadoras do Centro Integrado de Tradução e Escrita (CITE) e colabora com o projeto de extensão Laboratório de Letramentos Acadêmicos (LabLA) da Faculdade de Educação (FEUFF).

Email: elizaaraujo@id.uff.br